

Trilhos da Alfabetização Professores/as de 4º e 5º Anos Ciclo 3- 2026

Santa Bárbara



Professores/as 4º e 5º anos

Pauta - Encontro presencial professores/as 4º e 5º Anos

1- Leitura literária pela formadora

2- Devolutivas atividades práticas

3- A situação da leitura por meio da formadora e ampliação de conhecimentos sobre o gênero

4- Escrita de verbete

5- Sistematização e Pausa avaliativa

6- Atividade prática/Finalização/Combinados Espaço digital de formação / Avaliação do encontro

Leitura literária

TEIA LITERÁRIA

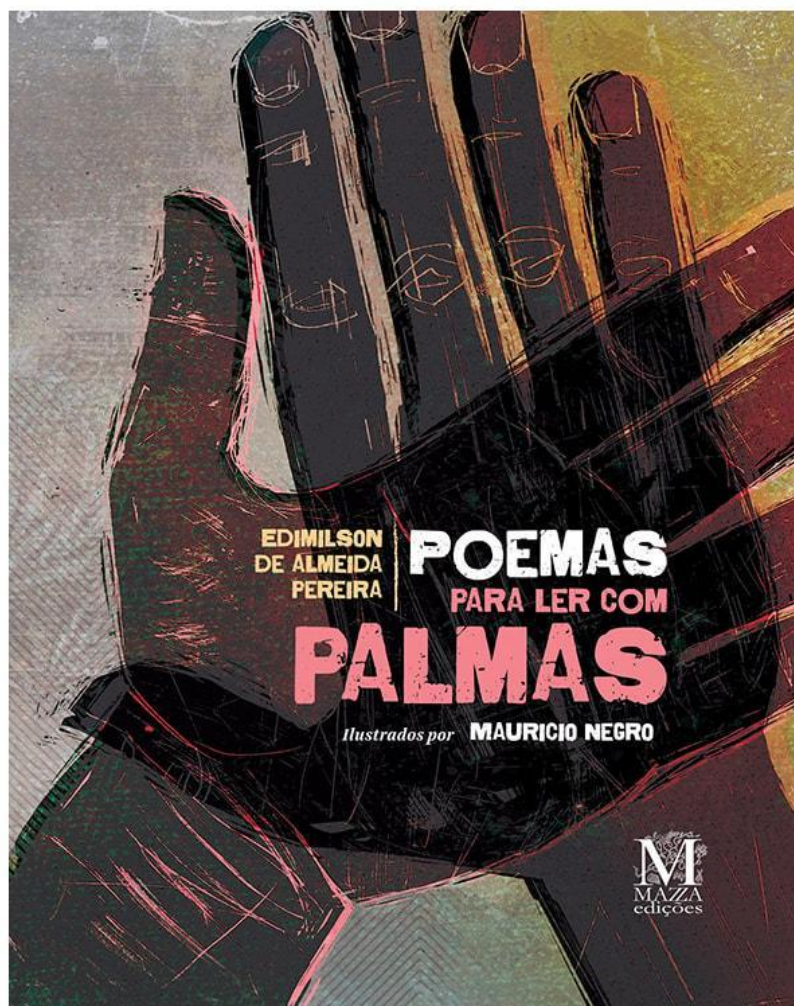


Conteúdo transversal de formação literária:

Sequência de histórias previamente pensada e organizada para provocar distintas experiências estéticas.

Para 2026: Autores e Autoras Mineiras.

Teia literária - Edimilson de Almeida Pereira



Teia literária - Edimilson de Almeida Pereira

As cinco mitopoéticas do livro

A obra se organiza em cinco partes:

CAPOEIRA

Relaciona-se ao corpo, ao movimento, ao jogo, à musicalidade e à tradição da capoeira.

CONGADO

Traz elementos ligados às manifestações do Congado, às memórias, à religiosidade, à música e à ancestralidade.

JONGO

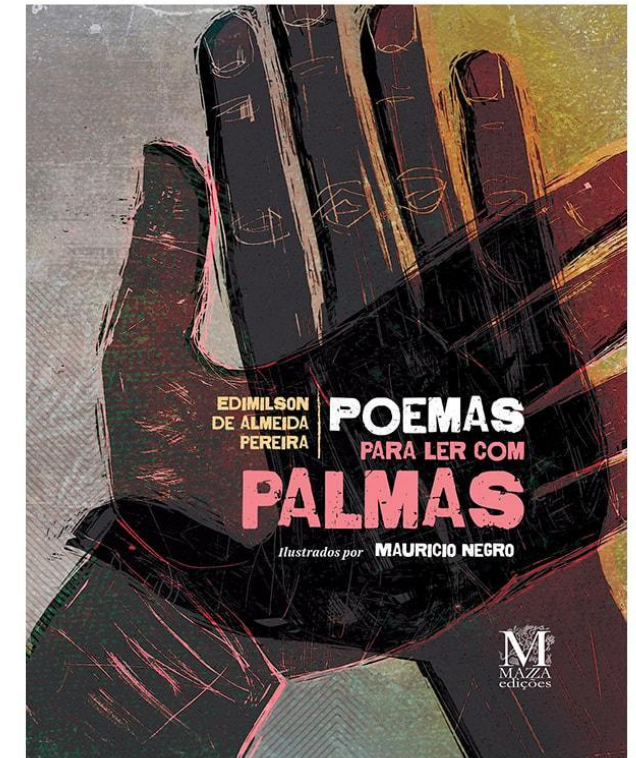
Aproxima a poesia dos ritmos, cantos, danças, memórias e saberes associados ao jongo.

ORIXÁS

Evoca elementos das tradições de matriz africana, seus orixás, símbolos e modos de compreender as relações entre seres humanos, natureza e espiritualidade.

VISSUNGOS

Relaciona-se aos cantos de tradição africana preservados e recriados no Brasil, especialmente associados às comunidades negras de Minas Gerais. A dimensão da oralidade, do canto e da memória é muito importante aqui.



TAMBOR

Não há voz mais longa
que a do tambor além do mar.

Nem silêncio mais amigo
que o do tambor.

O tambor é uma concha
olerê, pá
que acorda os ouvidos.

Atravessa as ruas
olerê
carregado nos braços.

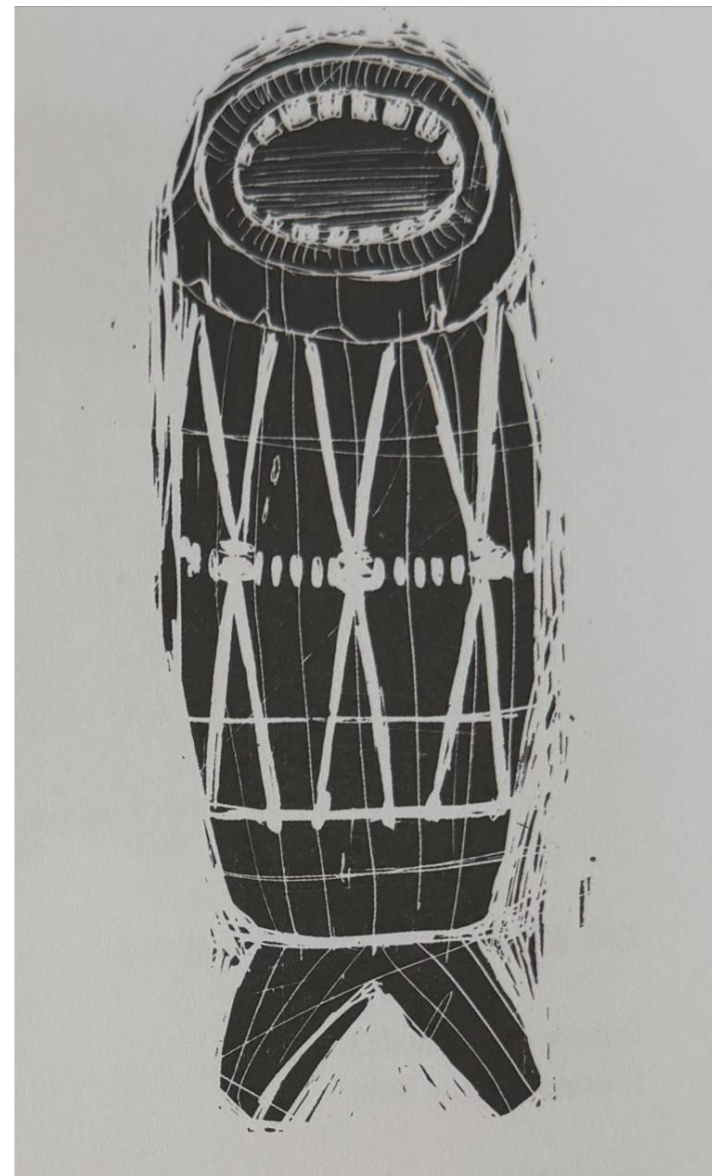
Não há voz que mais fale
se não a do tambor.

Nem pernas que mais andem
se não as do tambor.

O tambor também
se chama ngoma
e fala do mundo, quando bate.

O tambor que tem
um calo nas costas
anda, anda sem viajar.

Um tambor sozinho
faz um verão
e três tambores o que farão?



TAMBORES

Sem eles não há festa.
Sem eles não há roda.

Sem eles os vivos
não falam com os antigos.

Sem eles não há canto
que desperta a noite.

Sem eles não há ritmo
para juntar a gente.

Sem eles não há dança
que nos alegra.

Sem eles não há roda.
Sem eles não há festa.

Com eles tudo se faz:
o encontro,

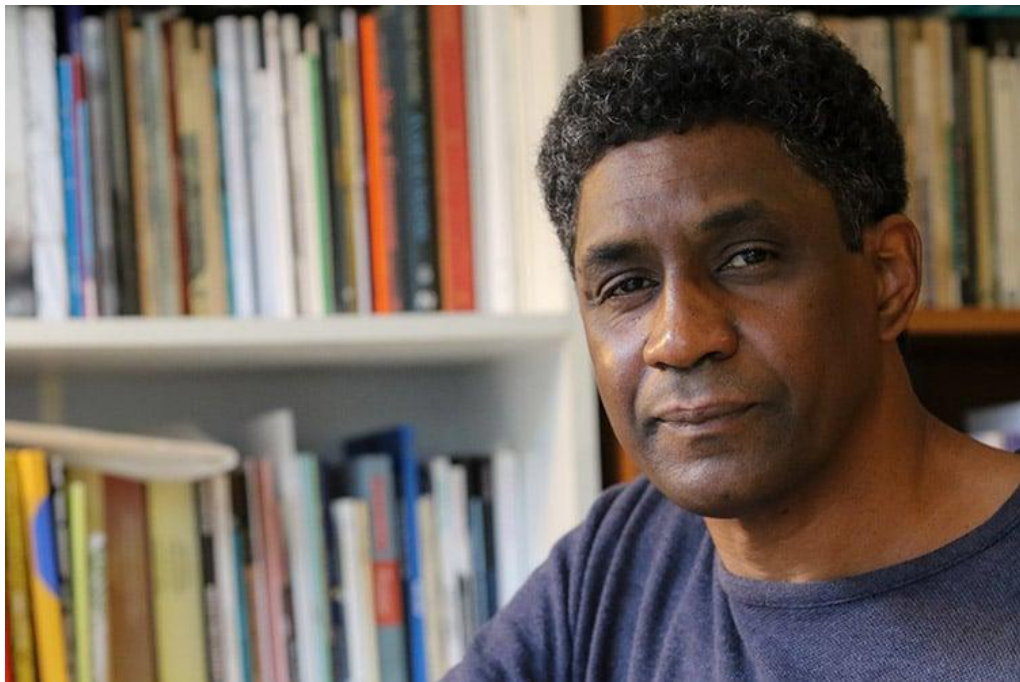
o cumprimento, a boca
que tira o canto.

Com eles os antigos
vivem outra vez.

Com eles é possível
fazer o cordão de amigos.



Teia literária



Edimilson é um pesquisador das culturas populares e afrodescendentes e transforma conhecimentos, memórias, vozes e tradições em matéria de poesia.

Edimilson de Almeida Pereira nasceu em **Juiz de Fora (MG), em 1963**. É poeta, ensaísta, escritor de literatura infantil e professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Sua produção transita pela poesia, literatura, antropologia e estudos das culturas populares e afrodescendentes.

Teia literária

“Há poemas que pedem silêncio.
Há poemas que pedem voz.
Há poemas que pedem movimento.
E há poemas que pedem palmas.”

Devolutivas atividades práticas

Panorama geral: a atividade prática em números até o dia 10 de setembro

Recebemos 16 registros

Os registros mostram diversidade de obras e diferentes caminhos de leitura:

Augusto, Clarice, Lucimar e Maria Auxiliadora: Sábado, de Oge Mora.

Elcirlane, Elizete, Nilma, Rita de Cássia e Werlane: Uma Chapeuzinho Vermelho, de Marjolaine Leray.

Claudia Cardinale: Afra e os Três Lobos-Guarás.

Claudia Pereira: Um dia..., de Guillaume Guéraud.

Ivone: Histórias de Tia Nastácia.

Kethllen: “O Castanheiro”, do livro Uma Floresta de Histórias.

Márcia Maria Gonçalves: Descobrindo a minha história: a incrível história de Asta e Jaser, de Lázaro Ramos.

Márcia Maria: O fantástico mistério de Feiurinha, de Pedro Bandeira.

Os relatos evidenciam a leitura literária como espaço de escuta, fruição, interpretação e intercâmbio entre leitores.

Planejamento, escolha das obras e ampliação do repertório

O planejamento favoreceu intervenções relacionadas às singularidades de cada livro.

Claudia Pereira utilizou a chave de leitura “Quando eu crescer” e preparou perguntas sobre a relação entre texto e imagem:

“O texto diz exatamente aquilo que aparece na imagem?”

“O que a ilustração nos permite compreender que talvez o texto não diga diretamente?”

Augusto estudou previamente Sábado e incluiu em seu planejamento a observação das colagens, cores e diferentes formas de representação presentes na obra.

Claudia Cardinale aproximou Afra e os Três Lobos-Guarás das experiências dos e das estudantes com a região do Caraça.

Kethllen explorou a origem japonesa do conto e a presença do castanheiro como elemento central da narrativa.

Para guardar: conhecer profundamente a obra permite formular perguntas vinculadas à sua linguagem, composição e proposta estética.

Intervenções que ampliaram a conversa

Algumas práticas ampliaram a atenção dos e das estudantes para elementos que ultrapassam o enredo.

Márcia Maria Gonçalves explorou capa, contracapa, sinopse, autoria, ilustração e diferentes edições. As perguntas dos estudantes sobre esses elementos abriram caminhos que não estavam totalmente previstos.

Maria Auxiliadora destacou a técnica de composição das imagens de Sábado. Os e as estudantes observaram que elas “pareciam colagens” e analisaram as expressões das personagens.

Elizete mobilizou recursos próprios da leitura em voz alta, modificando a entonação das personagens e criando envolvimento com o humor da narrativa.

Augusto também reconheceu que texto, ilustrações, cores e colagens participam conjuntamente da construção de sentidos.

A experiência literária se amplia quando leitores e leitoras observam como o livro produz seus efeitos, e não apenas o que acontece na história

Intervenções que ampliaram a conversa

As intervenções mais potentes solicitaram que os e as estudantes explicassem suas ideias a partir de indícios do texto ou das imagens.

Nilma pediu que justificassem suas interpretações utilizando pistas da escrita e das ilustrações. Um estudante concluiu:

“O final me surpreendeu porque a Chapeuzinho virou o perigo da história.”

Elcirlane promoveu a comparação entre a releitura e o conto tradicional:

“O que mudou nessa história? Por que vocês acham que o autor fez essas mudanças?”

Um estudante respondeu:

“O autor mudou a história para deixar a gente pensando no que ia acontecer.”

Kethllen perguntou por que o autor teria escolhido justamente um castanheiro. A pergunta favoreceu a construção de sentidos para a presença da árvore:

“O castanheiro pode representar esperança, porque ele continua crescendo mesmo quando acontecem coisas ruins.”

Falas das crianças como evidências de aprendizagem

Os registros apresentam interpretações que nasceram da observação de detalhes.

Na turma de Werlane, um estudante analisou o artigo presente no título:

“Não é uma história comum, a Chapeuzinho é indefinida. ‘Uma’ pode haver várias diferentes e aqui vamos ver uma delas.”

Outros perceberam ironia e inversão de papéis:

“Sarcástica, ela se garante, ri do perigo e deixa o lobo confuso.”

“A Chapeuzinho da história tradicional foi atacada, esta atacou.”

Na turma de Rita de Cássia, um estudante relacionou a cor a diferentes possibilidades de interpretação:

“O vermelho pode representar tanto o sangue como a pimenta.”

As falas mostram que os e as estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental I podem analisar escolhas linguísticas, ambiguidades, cores, comportamentos e estratégias narrativas

A conversa acolhe diferentes experiências

Clarice percebeu que uma pergunta planejada pode gerar outra pergunta e conduzir a conversa por caminhos inicialmente imprevistos. Ao conversar sobre acontecimentos que não saíram como esperado, ouviu:

“Podemos ficar tristes e um dia se alegrar no outro.”

“Mesmo tudo dando errado no sábado, ela ainda gostou porque teve um tempo com a mãe dela.”

Lucimar acolheu as previsões da turma durante a leitura de Sábado. Alguns estudantes imaginaram que as personagens perderiam o ônibus, enquanto outros atribuíram os imprevistos ao azar.

Maria Auxiliadora registrou a reação de uma criança diante da sucessão de acontecimentos:

“O título do livro poderia ter sido ‘Sábado dos horrores’.”

Essas falas revelam humor, identificação e elaboração pessoal. Cabe à mediação acolhê-las e, ao mesmo tempo, manter viva a relação com a obra.

A formação de uma comunidade de leitores

Algumas experiências ultrapassaram o encontro inicialmente planejado e criaram continuidade para a leitura.

Ivone iniciou a proposta como leitura pela professora. Depois de ouvirem diferentes histórias, os e as estudantes pediram para escolher contos, levá-los para casa e preparar a leitura para os colegas. A prática tornou-se um dos momentos mais esperados pela turma.

Márcia Maria dividiu a leitura de O fantástico mistério de Feiurinha em sete encontros consecutivos. A continuidade, o suspense e as mudanças de voz sustentaram o interesse por uma narrativa mais longa.

Lucimar valorizou a escolha da própria turma, ainda que inicialmente considerasse Sábado mais indicado para crianças menores. A resposta dos estudantes mostrou que a idade sugerida não determina, sozinha, a potência de uma obra.

Essas experiências favorecem comportamentos leitores como acompanhar uma narrativa, recomendar textos, compartilhar impressões e desejar ler para outras pessoas.

Aspectos que podem ser aprofundados

Selecionar as perguntas

- Um planejamento extenso oferece repertório ao professor, mas não precisa transformar-se em questionário. Durante o encontro, algumas perguntas potentes podem sustentar uma conversa mais aprofundada.

Preservar o fluxo da leitura

- As pausas ganham sentido quando ajudam a observar uma escolha importante, sustentar o suspense ou recuperar uma pista. Intervenções a cada página podem fragmentar a experiência narrativa.

Ampliar a conversa após a leitura

- Perguntas como “Qual é a mensagem?” ou “O que a história nos ensina?” podem conduzir a uma única interpretação ou a uma conclusão moral.

Aspectos que podem ser aprofundados

Outras formulações preservam a abertura da obra:

- O que permaneceu com vocês depois da leitura?
 - Alguma passagem provocou estranhamento?
 - Que detalhe modificou a compreensão da história?
 - Há mais de uma maneira de interpretar o final?
 - Qual trecho vocês retomariam para explicar essa ideia?
 - Garantir a conversa entre os próprios estudantes
-
- O professor pode relacionar duas falas, solicitar que os colegas comentem uma hipótese ou reler um trecho para que o grupo confronte interpretações.

Síntese e aspectos para continuidade

Os registros evidenciam professoras que estudaram as obras, organizaram espaços acolhedores, prepararam perguntas e escutaram as interpretações das crianças. Também mostram leitores e leitoras capazes de observar, antecipar, comparar, argumentar e construir sentidos coletivamente.

Como continuidade, alguns aspectos podem ser aprofundados:

- relacionar as perguntas às chaves de leitura específicas de cada obra;
- diferenciar perguntas de verificação de intervenções que promovam interpretação e justificativa;
- ampliar a releitura de trechos e a observação das ilustrações;
- favorecer que os e as estudantes conversem entre si, retomando ou questionando as ideias dos colegas;
- registrar falas que revelem processos de pensamento;
- ampliar a diversidade de obras, autores, temas e estilos de ilustração;
- preservar a experiência estética, evitando transformar a literatura apenas em recurso para ensinar conteúdos;
- garantir regularidade à leitura por meio da professora e às conversas literárias.

Síntese e aspectos para continuidade

Planejar não significa controlar todas as respostas nem fazer interrogatórios...

Significa conhecer a obra, antecipar possibilidades e preparar-se para escutar os caminhos interpretativos construídos pelas crianças.

Como planejar intervenções que aprofundem a leitura e, ao mesmo tempo, preservem a surpresa, a liberdade interpretativa e o prazer de permanecer na obra?

Retomando conceito de Chave de Leitura

Essa expressão é muito utilizada por Cecilia Bajour, professora e pesquisadora de leitura e literatura, e diz respeito às “portas de entrada” de um texto literário, ao modo pelo qual se pode adentrá-lo, às diversas possibilidades de apreciação que podem ser exploradas nos momentos de conversa sobre ele. Segundo a autora, “Os modos específicos de entrar nos textos podem partir de algumas chaves que cada livro sugira, ou de algum aspecto que se queira destacar ou no qual se queira intervir para a construção de saberes literários” (Bajour, 2012, p. 63-64).

Retomando conceito de Chave de Leitura

Quando a conversa sobre o texto ocorre como uma situação de aprendizagem na escola, será preciso planejá-la intencionalmente para que funcione como uma experiência potente de encontro dos estudantes com o que o texto traz. Refletir sobre formas instigantes de apresentar o texto, sobre boas perguntas que possam ampliar o olhar dos leitores, sobre as chaves de leitura potencialmente melhores para provocar a atenção, a curiosidade e a apreciação faz parte desse planejamento prévio que, embora criterioso, deverá estar sempre aberto às contribuições dos estudantes, que por vezes têm percepções importantes que ajudam a redirecionar o previsto.

Retomando conceito de Chave de Leitura

A chave de leitura pode ser a relação entre texto e imagem, a forma peculiar de um determinado personagem se expressar, o estilo que o autor adota para criar efeitos de suspense, a referência a uma história conhecida – enfim, são muitas as possibilidades e, a depender do texto, pode haver mais de uma chave interessante de explorar. Cada livro ou cada material de leitura, em cada contexto, pode ter “entradas” diferentes.

O desafio para o professor será sempre imaginar como criar uma espécie de zoom para ajudar os estudantes a ampliarem suas formas de leitura, a construírem interpretações cada vez mais complexas e a apreciarem a literatura.

Fascículo de Apresentação: Alfabetização contextualizada e reflexiva: Percurso Formativo para 1º e 2º anos (página 29)

Desenvolvimento da leitura literária

- “Modalidade de leitura concebida como um ‘vai e vem’ **dialético** entre **participação e distanciamento**”. (Felipe Munita)



Roda de Conversa

Mulheres na história do Brasil

Na sua opinião, quais são as mulheres mais importantes da história do nosso país?

Faça uma lista de pelo menos 10 nomes.

Mulheres na história do Brasil

Por que consideram essas mulheres importantes?

Mulheres na história do Brasil

Existem mulheres negras nessa lista?

Qual a importância de conhecermos biografias de mulheres negras?

Sequência Didática Biografia de Mulheres Negras

QUADRO DE ETAPAS

ETAPAS DO PROJETO	AULAS
1. Levantamento de personalidades conhecidas e por conhecer	Aula 1 Roda de conversa: Quais mulheres importantes para o país você conhece?
	Aula 2 Roda de leitura: Quais biografias você gostaria de ler?
2. Leitura coletiva e em grupos	Aula 3 Leitura coletiva da biografia de Dandara
	Aula 4 Leitura de biografias em trios
3. Leitura comparativa de biografias realizada coletivamente	Aula 5 Leitura comparativa de duas biografias de Dandara
	Aula 6 Pesquisa de novas informações em vídeos e animações
	Aula 7 Leitura de informações biográficos em outros gêneros textuais
4. Pesquisa e registro de informações complementares em trios	Aula 8 Pesquisa e registro de informações complementares em trios
5. Rodas de leitura para apresentação de biografias	Aula 9 1ª Roda de leitura para apresentação de biografias
	Aula 10 2ª Roda de leitura para apresentação de biografias
6. Leitura de biografia ilustrada	Aula 11 Leitura, pelo professor ou professora, de biografia ilustrada
	Aula 12 Leitura, em duplas, de biografia ilustrada
7. Escrita de verbetes, a partir de textos biográficos	Aula 13 Escrita coletiva de verbete, a partir da biografia de Carolina Maria de Jesus
	Aula 14 Escrita individual de verbetes, a partir de textos biográficos
	Aula 15 Revisão e edição de verbetes

INTRODUÇÃO

O propósito principal desta sequência didática é oferecer aos e às estudantes a oportunidade de ler biografias de mulheres negras que se destacaram no contexto em que viveram, frequentemente excluídas ou estereotipadas nos materiais didáticos que circulam na escola. A escolha destas personalidades em especial se deve, não apenas à sua ausência sistemática observada durante séculos no contexto escolar brasileiro, mas também à necessidade de se ampliar o repertório e o imaginário cultural das crianças, para além do predomínio de protagonistas homens e brancos nas produções literárias das últimas décadas, como atestam pesquisas diversas. Uma outra importante justificativa para o estudo prioritário de biografias de mulheres negras nesta sequência é o fato de serem o segmento social mais vulnerável no Brasil, conforme dados amplamente divulgados, o que muitas vezes provoca a invisibilidade da relevância de sua atuação nas mais distintas áreas do conhecimento.

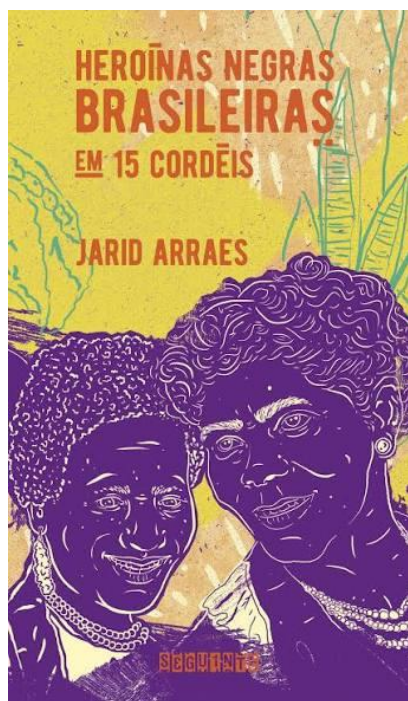
As biografias são textos pouco familiares para a maioria das crianças e representam certo desafio leitor, sobretudo, porque sua compreensão requer um repertório histórico e cultural mais complexo. Por isso, uma sequência didática que privilegie esse gênero textual é bem-vinda nesta etapa da escolaridade, em que as crianças estão finalizando um ciclo e se preparando para o contato sistemático com textos mais difíceis. Soma-se a isso, a possibilidade de experimentarem práticas sociais de leitura colocadas em jogo quando se deseja conhecer a vida e a obra de pessoas que se destacaram em determinada época e lugar.

As situações de escrita de verbetes propostas nas etapas finais da sequência têm como principal objetivo aperfeiçoar a leitura das biografias, oferecendo aos e às estudantes oportunidades de escrever para ler melhor e vice-versa, procedimento importante para formar leitores e leitoras mais competentes e críticos, como ressalta Emilia Ferreiro². Por isso, a preparação da equipe pedagógica em torno destas propostas de escrita pode ter como prioridade a seleção de bons textos biográficos, que favoreçam a seleção de informações para escrita de pequenos verbetes sobre as mulheres biografadas, o que pode vir a se tornar uma *Pequena enciclopédia de mulheres negras que fizeram história*, impressa ou digital, contendo os textos produzidos a serem compartilhados com determinado público ou apenas entre as turmas. Nesse caso, vale um planejamento coletivo entre os professores e professoras, procurando-se diversificar as biografias lidas em cada turma para evitar textos repetidos ou garantir uma variação de informações presentes em textos sobre uma mesma personalidade para que haja, de fato, curiosidades e novas informações a serem descobertas pelos e pelas estudantes, ao trocarem as produções com os e as colegas de outra turma.

Leitura da biografia de Dandara: Em pequenos grupos, leiam os textos sobre Dandara presentes nos livros:

Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil, de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo;

Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis, de Jarid Arraes.



Jarid Arraes



Jarid Arraes, uma jovem escritora e cordelista, foi a nossa escolhida para realizarmos a leitura de alguns de seus poemas disponíveis em seu site.

“Nascida em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 12 de Fevereiro de 1991, Jarid Arraes é escritora, cordelista, poeta e autora do romance "Corpo desfeito" e do premiado “Redemoinho em dia quente“, vencedor do Prêmio Biblioteca Nacional, do APCA de Literatura na Categoria Contos e finalista do Prêmio Jabuti. Jarid também é autora do livro de poemas “Um buraco com meu nome“, da coletânea “Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis“ e de "As Lendas de Dandara". Atualmente vive em São Paulo (SP), onde criou o Clube da Escrita Para Mulheres e tem mais de 70 títulos publicados em “Literatura de Cordel”.

Texto e fotos retirados do site da autora <https://jaridarraes.com/biografia/>.

Aryane Cararo e Duda Porto de Souza



ARYANE CARARO nasceu em Curitiba, no ano de 1979. É feminista, jornalista, pesquisadora, mãe e curiosa. Na grande imprensa, especializou-se no universo materno e infantil. É consultora em marketing digital na Companhia das Letras, foi editora-chefe da revista Crescer e editora do suplemento infantil Estadinho. Tem pós-graduação em jornalismo literário pela ABJL, mestrado em estética e história da arte pela USP e faz doutorado em estudos de gênero pela Universidade de Lisboa.

DUDA PORTO DE SOUZA nasceu em São Paulo, no ano de 1984. É jornalista e head de conteúdo da produtora de cinema Maria Farinha Filmes, referência em entretenimento de impacto social e ambiental na América Latina. Nos últimos quinze anos, dedicou-se a projetos com foco em direitos humanos, artes visuais e leitura, com ênfase em equidade, acesso e inclusão.

obre as autoras – retirado de: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788555342313/extraordinarias-nova-edicao?srsItid=AfmBOorOjzfzGbTRJob3URkaEf-DgW3Vk3jQJtVXFonO-4qVMbXNKLDk>



Sobre os livros...

Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis
Jarid Arraes



Extraordinárias mulheres que revolucionaram o Brasil

O livro ainda evidencia como tivemos **mulheres pioneiras** na história do nosso país. Campeãs de atletismo, artistas inovadoras, militantes incansáveis, guerreiras destemidas. Cantoras, atrizes, professoras. Ricas, pobres, brancas, negras, indígenas. Mulheres de todos os tipos, retratadas de uma maneira que permite ao leitor entender um pouquinho mais sobre elas, mas por meio de uma **linguagem acessível e de fácil compreensão**

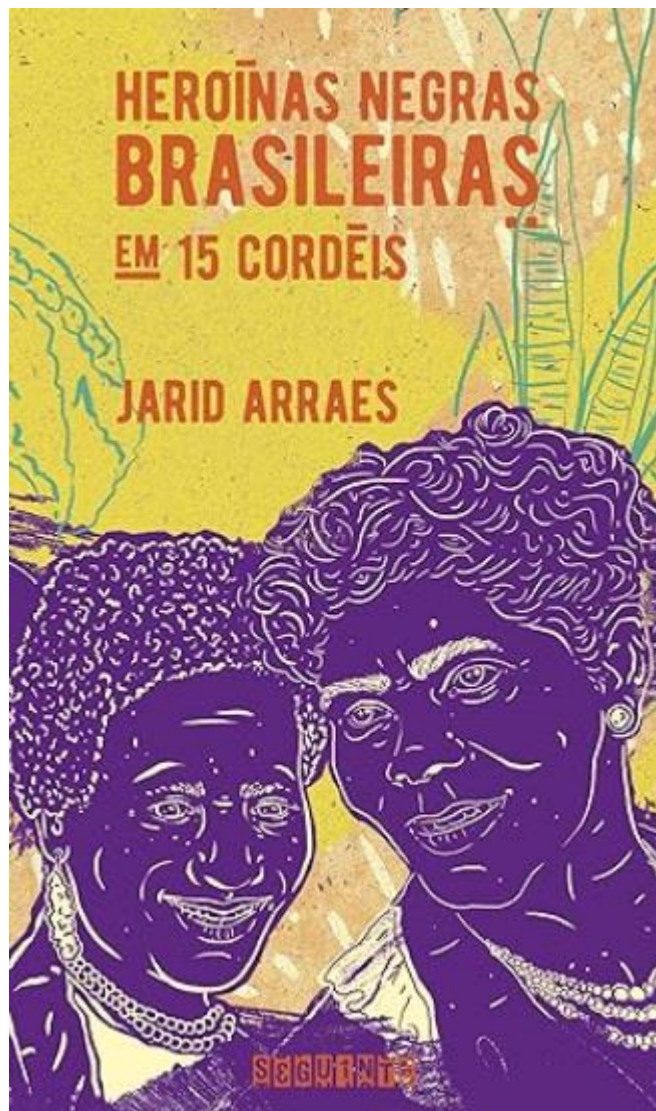
Texto retirado de :
<https://infinitasvidas.wordpress.com/2020/05/06/resenha-extraordinarias-mulheres-que-revolucionaram-o-brasil-aryane-cararo-e-duda-porto-de-souza/>

Após a leitura, discutam e registrem:

- 1.Quais informações sobre Dandara aparecem nos dois textos?
- 2.Quais são as principais semelhanças e diferenças entre os textos, considerando:
 - as informações selecionadas;
 - a maneira como a trajetória de Dandara é apresentada;
 - a organização do texto;
 - a linguagem empregada;
 - os efeitos produzidos em quem lê?
- 1.Elaborem uma lista com as informações que consideram mais relevantes para apresentar Dandara a leitores e leitoras que ainda não conhecem sua trajetória.

Discussão em grupos: 15 minutos
Socialização das questões: 15 minutos





JARID ARRAES

DANDARA DOS PALMARES

— 47

Se você já ouviu falar
Da história de Zumbi
Peço então sua atenção
Pro que vou contar aqui
Talvez você não conheça
Por incrível que pareça
Por isso eu vou insistir.

O quilombo dos Palmares
Por Zumbi foi liderado
E nesse mesmo período
Dizem que ele foi casado
Com uma forte guerreira
Que tomou a dianteira
Pelo povo escravizado.

Foi Dandara o seu nome
Que é quase como lenda
Não há provas de sua vida
E talvez te surpreenda
Com um ar de fantasia
De coragem e de magia
Mas assim se compreenda.

Não há dados registrados
Sobre onde ela nasceu
Se foi ela brasileira
Ou na África cresceu
Se ela tinha liberdade
Ou se na dificuldade
Ela livre se verteu.

Com Zumbi teve três filhos
E seus nomes vou citar:
Motumbo, Aristogíton
E Harmódio a completar
Eram esses os rebentos
De um casal muito sedento
Que se uniu para lutar.

Mas Dandara não queria
Um papel limitador
Ser a mãe que cozinhou
Tendo um perfil cuidador
As batalhas lhe chamavam
E seus olhos despertavam
Pelo desafiador.

Guerrear pelo seu povo
Era o que lhe motivava
O sonho da liberdade
Para todos cultivava
Sendo muito decidida
Era até envaidecida
Pela força que ostentava.

Um fator que se destaca
Era o seu radicalismo
Pois não aceitava acordo
Com senhores do racismo
Que ofereciam terras
Para que acabasse a guerra
No interesse do cinismo.

Porque tinha bem certa
Uma baita opinião:
Liberdade para poucos
Não conforta o coração
O quilombo que existia
Para todos lutaria
Sem abrir uma exceção.

É por isso que Dandara
Tinha fé no guerrear
Confiava nas batalhas
Para tudo transformar
A paz só existiria
Pelo que conquistaria
Para a todos libertar.

Liderava os palmarinos
Lado a lado com Zumbi
Entre espadas e outras armas
Escutava-se o zunir
Dos seus golpes tão certos
Que aplicava bem ligeiros
Pra ferir ou confundir.

Certa vez, numa viagem
Sugeri a invasão
Da cidade de Recife
No meio de um sopetão
E Zumbi ficou chocado
Até mesmo impressionado
Por tamanha ambição.

Não chegaram a completar
O seu plano audacioso
Mas notamos nesse caso
Um exemplo grandioso
Da braveza que mostrava
E Dandara assim reinava
Com Palmares orgulhoso.

Então vale imaginar
As ações que aconteciam
Que os guerreiros de Palmares
Com Dandara concluíam
As senzalas arrombavam
Plantações até queimavam
E em poder evoluíam.

O quilombo dos Palmares
Era assim tão majestoso
Que os brancos despeitados
Tinham um medo horroroso
Planejavam o destruir
Mas chegavam a ruir
Sendo o ataque desastroso.

Muitos anos desse modo
Foi Palmares resistindo
Até que um final ataque
Acabou lhe destruindo
E Zumbi traçou a fuga
Para não largar a luta
Pela mata foi partindo.

Mas Dandara, encurralada
Teve só uma opção
Pra não ser capturada
Nem cair na escravidão
Atirou-se da pedreira
Com convicção inteira
De negar-se à prisão.

Até mesmo a sua morte
De heroísmo foi repleta
E a mensagem que anuncia
Entendemos bem completa:
Rejeitar a rendição
É a nossa condição
Como um grito de alerta.

Há quem diga que Dandara
É um símbolo lendário
Que está representando
Um poder imaginário
Heroína para a gente
Como deusa que ardente
Traz o revolucionário.

Se existiu como se conta
Ou se lenda representa
Para mim tudo resume
Essa luta que apresenta
Baluarte feminina
A guerreira palmarina
Na memória se sustenta.

Dia 20 de novembro
Dia de lembrar Zumbi
É também dessa Dandara
Que devemos incluir
O seu nome celebrado
Sim, merece ser honrado
E no peito se sentir.



Dandara

Uma guerreira negra que aprendeu a fabricar espadas e a lutar com elas; uma capoeirista forte e corajosa que planejava ações de combate e liderava seus companheiros na luta pela liberdade – assim sobrevive em relatos e lendas populares a história de Dandara, rainha do Quilombo dos Palmares e companheira de Zumbi. Não se sabe ao certo onde ela nasceu e como chegou ao maior e mais duradouro quilombo implantado nas Américas. Independente da falta de registros oficiais de sua existência, uma coisa é certa: quando se fala em Dandara, se coloca em questão o silêncio e o apagamento imposto às mulheres negras no Brasil.

Dandara viveu na região da serra da Barriga, atualmente pertencente ao município de União dos Palmares (AL). Ali assumiu a missão de proteger o Quilombo dos Palmares, fundado por volta do final do século XVI por escravos que haviam fugido dos engenhos de açúcar nas redondezas. Segundo as narrativas, ela não se contentava apenas com a resistência ao regime colonial português e aos ataques holandeses, propondo estratégias para ampliar o poder de Palmares e extinguir o trabalho escravo nas fazendas.

CONHECENDO AS TERRAS DE ZUMBI E DANDARA

O Quilombo dos Palmares foi, entre 1597 e 1695, o maior centro de resistência negra à escravidão no Brasil. Em seu auge, teve entre 30 mil e 50 mil habitantes, espalhados nas dezenas de aldeias que o formavam. O local onde ficava, no alto da serra da Barriga, foi tombado nos anos 1980 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A partir de 2007, passou a abrigar o Parque Memorial Quilombo dos Palmares, que reconstitui aspectos importantes do cotidiano dos quilombolas. As construções são feitas de pau a pique e cobertas de palha, incluindo o Onjô de Farinha, onde se produzia e torrava a farinha de mandioca usando práticas indígenas, e o Oxile das Ervas, onde se utilizavam plantas e raízes com propriedades medicinais para rituais e oferendas. Outro espaço importante é o Onjô Cruzambê, dedicado à prática de religiões de matriz africana. Em 2017, a serra da Barriga recebeu o título de Patrimônio Cultural do Mercosul, em votação unânime realizada em Buenos Aires.

A líder de Palmares

★ [Local e data desconhecidos]

† 6/2/1694, União dos Palmares (AL)

• Ilustração de Lole

Quando em 1678 o primeiro grande líder da comunidade, Ganga Zumba, tio de Zumbi, assinou um acordo de paz com o governo da então província de Pernambuco, Dandara se posicionou fortemente contra. O documento garantia a liberdade dos palmarinos e permitia que realizassem comércio, mas os obrigava a entregar qualquer escravo que aparecesse ali em busca de abrigo. Diversas fontes dizem que a influência da companhia foi fundamental para o rompimento de Zumbi com o tio e sua ascensão à liderança do quilombo. Ganga Zumba teria pagado com a vida por esse tratado de “paz”, tendo sido assassinado por quilombolas contrários ao acordo com os portugueses.

A tradição oral, reforçada por alguns historiadores, conta que Dandara teria morrido no dia em que as forças militares derrotaram a última aldeia de Palmares, 6 de fevereiro de 1694. Seus três filhos com Zumbi – Harmódio, Aristogiton e Motumbo – teriam sido mortos em combate, e ela teria se jogado de um penhasco para não ser capturada. Zumbi conseguiu fugir com um grupo pequeno para tentar reconstruir Palmares.

PELA CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A MULHER NEGRA

Desde 2011, o Brasil celebra o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra em 20 de novembro. É uma referência à data em que o líder dos Palmares foi morto, em 1695, quando tentava reunir forças para retomar o movimento derrotado. Para resgatar a história da participação feminina na luta contra a escravidão, a Assembleia do Rio de Janeiro aprovou em 2016 a inclusão no calendário estadual oficial do Dia de Dandara e da Consciência da Mulher Negra, comemorado em 6 de fevereiro.

A trajetória de Dandara em Palmares é retratada em detalhes no livro *As lendas de Dandara*, da escritora cearense Jarid Arraes. Mesclando pesquisa historiográfica, ficção e memória popular, ela narra como a guerreira conseguiu desempenhar papéis geralmente destinados aos homens, arriscando-se em missões de resgate de escravos em fazendas e em um porto de navios negreiros. Para Jarid, o racismo e o machismo da sociedade fazem com que heroínas como Dandara sejam quase completamente apagadas da história brasileira. Como conta na introdução do livro, ela só conheceu sua história quando começou a militar como feminista negra. Em uma entrevista ao *Diário de Pernambuco*, publicada em 2015, Jarid criticou a escassez de narrativas desse tipo na mídia e nas escolas, e explicou sua decisão de publicar o livro:

Decidi escrever sobre Dandara quando publiquei um texto falando dela [...], em novembro de 2014, e recebi comentários que afirmavam que ela não era nada além de uma lenda. Pensei: se ela é uma lenda, então preciso escrever essas lendas, pois nem isso temos a seu respeito.

Assim, as várias facetas de Dandara continuam vivas. Sua força reverbera entre as novas gerações, ligada à história da diáspora africana e das mulheres negras no Brasil.

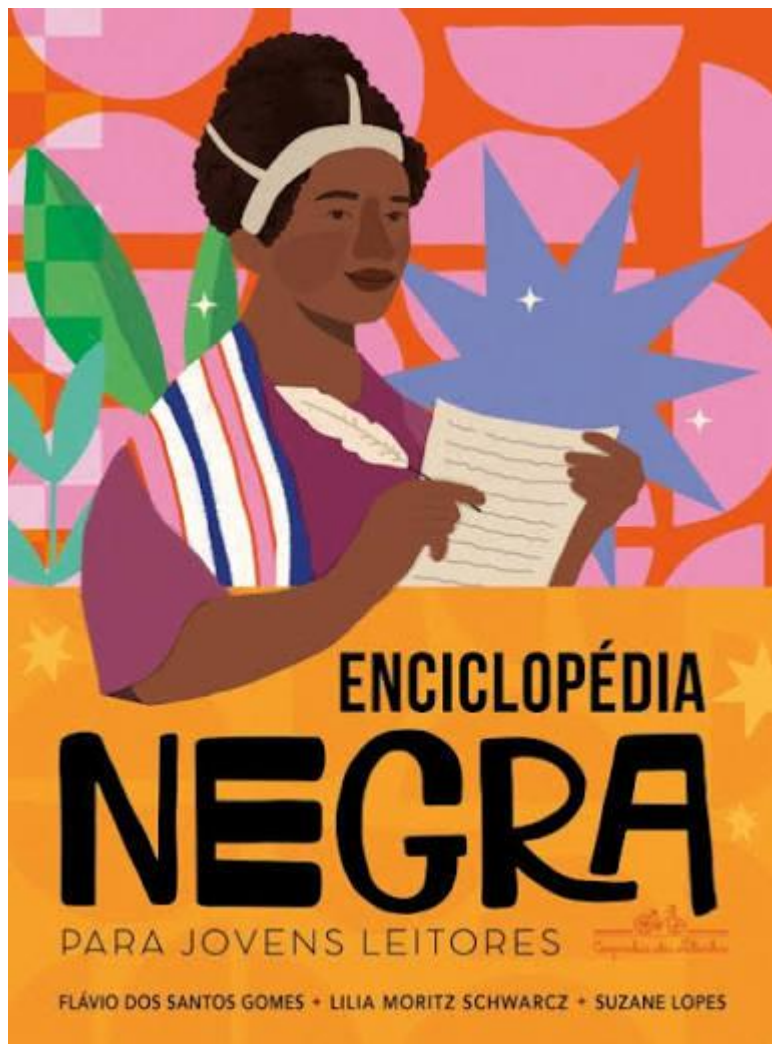
Saiba mais

A história de Dandara, Zumbi e Ganga Zumba é contada no filme *Quilombo* (1984), do diretor Cacá Diegues. Os personagens históricos são representados pelos atores Zezé Motta, Antônio Pompêo e Tony Tornado, respectivamente. A produção foi indicada à Palma de Ouro no Festival de Cannes de 1984. Na literatura, o professor Newton Rocha recria a queda de Palmares no conto romanceado *Dandara, a rainha guerreira de Palmares* (2015).



Produção de um verbete sobre Dandara

Ampliando o conhecimento sobre verbetes



Vamos ler um verbete sobre Zumbi que consta na Enciclopédia Negra para jovens leitores, da Cia das Letrinhas.

Observe como as informações são organizadas: quais informações há? Como a linguagem é empregada?



ZUMBI (1655-1695) e CARLOS MARIGHELLA (1911-1969)

Zumbi e Marighella são dois heróis negros brasileiros que revolucionaram, respectivamente, os séculos XVII e XX. Separados no tempo e no espaço, eles inspiram ainda hoje a insubordinação e a resistência.

Zumbi sucedeu Ganga-Zumba na liderança do quilombo de Palmares. De 1680 até 1695, ano de seu assassinato, o nome de Zumbi, um reconhecido guerreiro, esteve presente nas narrativas coloniais, em especial na extensa troca de correspondências que visava dar fim ao quilombo.

Entre os anos de 1970 e 1980, as pesquisas do historiador Décio Freitas (1922-2004) possibilitaram uma reconstrução da biografia de Zumbi. Segundo esses estudos, o líder palmarista nasceu em 1655, num dos mocambos de Palmares. Ainda bem pequeno, teria sido aprisionado e levado para a vila de Porto Calvo. Lá, batizado com o nome de Francisco, foi educado em latim e português pelo padre português Antonio Melo. Teria vivido ali até os quinze anos de idade, quando conseguiu fugir para Palmares, em 1670. Aos dezenove anos, Zumbi teria sido eleito “maioral” e recebido o posto de “cabo de guerra” ou “cabo maior” “ao derrotar a expedição de Antonio Jacome Bezerra”. Em 1677, com apenas 22 anos, ele já era considerado “general das armas ou mestre de campo”.

A captura de Zumbi passou a ser entendida como fundamental para as autoridades coloniais. Com a informação de que o líder vivia num mocambo na Serra Dois Irmãos, as ações da repressão foram todas concentradas naquele local. O guerreiro palmarista, embora estivesse protegido, foi localizado e morto em 20 de novembro de 1695. O assassinato de Zumbi teria sido comemorado por fazendeiros e autoridades, mas não impediu que o líder e sua luta permanecessem vivos na memória como um símbolo da resistência negra.

Com um intervalo de quase 275 anos, destacamos mais outro prota-



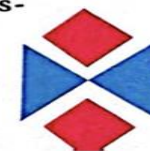
gonista negro: Carlos Marighella, parlamentar e um dos maiores líderes comunistas do Brasil do século xx. Nascido em 1911, em Salvador, Bahia, ele era neto de libertos (por parte da mãe) e filho de um imigrante italiano. Na década de 1930, ingressou no Partido Comunista Brasileiro (PCB), com o qual teve contato por meio de seu pai. Nessa mesma época, ainda bem jovem, Marighella sofreu a primeira repressão política ao ser preso por atuar no movimento estudantil.



Mais tarde, ampliando sua participação política dentro do PCB, passou a sofrer frequente repressão policial. Com isso, foi detido várias vezes, chegando a cumprir pena nos presídios de Fernando de Noronha e Ilha Grande (RJ).

Depois de anistiado e solto, e com a legalização do PCB, Marighella candidatou-se nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte em 1946 e foi eleito deputado pela Bahia. Porém, no ano seguinte, o PCB teve seu registro cancelado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE); muitos deputados perderam o mandato e Marighella voltou a atuar na clandestinidade. Com o golpe militar de 1964, a perseguição policial tornou-se ainda mais acirrada, Marighella chegou a ser baleado e acabou preso novamente. Foi um período intenso para ele, com a produção de escritos revolucionários, viagem a Cuba, militância contra a ditadura militar e expulsão do PCB. Em 1968, engajados na luta armada contra a repressão, surgiram a Ação Libertadora Nacional (ALN), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), o MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro), a Polop (Política Operária) e outros movimentos de esquerda que realizavam ações revolucionárias, incluindo atentados, sequestros e assaltos a bancos. Ao mesmo tempo, a perseguição política, as prisões e as torturas por parte do regime ditatorial aumentavam. Considerado inimigo número um da ditadura, o cerco repressivo a Marighella aumentou, e ele foi assassinado numa ação policial na capital de São Paulo em fins de 1969.

Lutando pela liberdade, Marighella e Zumbi morreram nas mãos da repressão. Seus nomes continuam, porém, muito vivos.



Ampliando o conhecimento sobre verbetes

O verbete biográfico é um texto breve e autônomo, destinado à consulta, que apresenta informações selecionadas sobre a vida, a atuação e as contribuições de uma pessoa. É produzido a partir de fontes de pesquisa e precisa oferecer ao leitor ou à leitora informações relevantes, organizadas com concisão e linguagem acessível.

Pesquisando o contexto vivido por Dandara

Vamos assistir a um vídeo em que vamos saber mais sobre o Quilombo dos Palmares, onde Dandara viveu parte de sua vida, para escrita do verbete.

Durante a exibição, registrem informações que:

- ainda não tenham aparecido nas biografias;
- ajudem a compreender o contexto histórico em que Dandara viveu;
- ampliem a compreensão sobre sua atuação e sua importância;
- possam despertar a curiosidade dos futuros leitores e leitoras do verbete.

Pesquisando o contexto vivido por Dandara



<https://www.youtube.com/watch?v=76CpKtRXSOY>

Escrita em duplas:

Antes da escrita, cada dupla deverá definir:

Para quem o verbete será escrito?

Onde ele poderá circular?

Que conhecimentos os leitores e as leitoras provavelmente já possuem?

Quais informações serão priorizadas?

Qual informação ou curiosidade sobre Dandara merece destaque?

Em que ordem as informações serão apresentadas?

Como o verbete será iniciado e concluído?

Socialização das produções

Reflexão sobre a situação didática

Quais operações de leitura e escrita foram mobilizadas durante a produção do verbete?

De que maneira a leitura de duas biografias sobre a mesma personalidade apoiou a escrita? Qual foi a importância da análise dos verbetes de referência?

Ajuda a entender a estrutura do gênero, a linguagem.

Quais decisões precisaram ser tomadas antes e durante a escrita?

Que dificuldades os e as estudantes podem encontrar nesse percurso?

Que intervenções do professor ou da professora podem ajudá-los?

O que os e as estudantes podem aprender por meio dessa situação?

Reflexão sobre a situação didática

A experiência permite evidenciar que escrever um verbete não significa apenas reduzir ou resumir uma biografia. A proposta mobiliza a:

- ler diferentes fontes com um propósito definido;
- localizar e comparar informações;
- identificar informações comuns, complementares ou divergentes;
- selecionar conteúdos considerando o público e a finalidade;
- reorganizar informações, em vez de apenas copiá-las;
- produzir um texto autônomo, conciso e informativo;
- revisar a produção considerando seus potenciais leitores e leitoras.

Desse modo, a escrita do verbete aprofunda a leitura das biografias: escreve-se para compreender melhor o que foi lido e lê-se novamente para tomar decisões de escrita.

Atividade Prática – 4º e 5º Anos

Atividade prática: Escrita pelo estudante

1. Planejamento:

A partir das orientações dadas na Sequência Didática Biografia de Mulheres Negras, planeje a escrita do verbete com sua turma. Organizar as duplas produtivas previamente.

1. Realização: Desenvolver a escrita do verbete com sua turma e o processo de revisão
2. Registro: envio de uma ou duas duplas a versão inicial e revisada do verbete com um breve relato contendo:
 - Como organizou as duplas
 - Duas intervenções suas que ampliaram a possibilidades de revisão

- 1. Salve tudo num único arquivo (word ou PDF) e faça upload no Espaço Digital no Ciclo 3/Atividade Prática**

Sistematização 2026

Sistematização

Vamos retomar os principais conteúdos trabalhados até o momento na formação e discutir: **No que avançamos? O que ainda precisamos seguir qualificando?**

Ciclo 1

Projeto “Contos de artimanha com Pedro Malasartes”

- Fruição e apreciação de textos do gênero contos de artimanha.
- Situações de produção textual coletiva por meio da escrita docente.

Sistematização

Ciclo 2

Projeto “Contos de artimanha com Pedro Malasartes”

- Fruição e apreciação de textos do gênero contos de artimanha.
- Situações de produção textual coletiva por meio da escrita docente.
- Processos de revisão textual para o aprimoramento das produções.

Ciclo 3

Sequência Didática “Biografias de mulheres negras”

- Exploração e leitura de trajetórias de vida de personalidades femininas negras.
- Prática de escrita e elaboração de verbetes enciclopédicos.

Instrumento Avaliação da Formação.

Aplicação do Instrumento 5

Agradecemos a sua presença para participar deste momento tão importante para o **Trilhos da Alfabetização!**

Coletamos a percepção dos participantes sobre o desenvolvimento do trabalho que temos realizado, com todas as frentes: equipe técnica da Secretaria de Educação, diretores escolares, coordenadores e articuladores pedagógicos e professores.

Vale lembrar que as suas respostas são **anônimas**.

A formadora irá realizar a leitura coletiva do questionário, mas você poderá chamá-la em caso de dúvida.

Para responder, basta acessar o link ou o QR-code abaixo:

bit.ly/instrumentoFV



Vamos lá?



Pausa Avaliativa

Pausa avaliativa

Questão aberta Língua Portuguesa: Um professor ou professora chegou novo na escola e pediu sua ajuda: o que não pode faltar no planejamento de uma rotina semanal para que os estudantes avancem em seus conhecimentos sobre leitura e escrita? Dê exemplos.

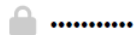
Importante colocar o nome na resposta!

Acesso ao Espaço Digital de Formação



entrar

 thais.costa@roda.org.br



.....

MOstrar

[esqueceu o seu usuário ou senha?](#)

entrar

O uso de Cookies deve ser permitido no seu navegador. [Aviso de Cookies.](#)

Esta é a sua primeira vez
aqui?

Não tem conta ainda? [Crie agora](#)

Criar uma conta

Acesso ao Espaço Digital de Formação

Caixa de entrada x Equipes Técnicas x Reunião_Ciclo x PPT Professores x Professores 1º x Pauta Cheia P x Curso: Profess x

rodaespacodigital.org.br/ead/course/view.php?id=319

Minhas ações formativas > Professores 1º ao 3º: LP e MAT-Santa Bárbara > Língua Portuguesa

>>

Língua Portuguesa Matemática

FUNDAÇÃO VALE roda educativa



Desejamos boas-vindas ao ambiente formativo do programa **Trilhos da Alfabetização!**

Acesse os recursos abaixo relativos à formação em Didática da **Língua Portuguesa** e bons estudos

Pesquisar

29°C Ensolarado 15:45 24/06/2024

Acesso ao Espaço Digital de Formação

Caixa de entrada x Equipes Técnicas x Reunião_Ciclo x PPT Professores x Professores 1º x Pauta Cheia P x Curso: Professores x

rodaespacodigital.org.br/ead/course/view.php?id=319

Avisos da formadora

Biblioteca

Enquete: Formação com plataformas digitais

Ciclo 1

C1 - Materiais de Referência LP

Apresentação dos participantes Conclusão v

Oculto para estudantes

Ciclo 2

Pesquisar

Correspondência

15:46
24/06/2024

Avaliação de Satisfação

LP - Prof 40 e 50 anos- C3



bit.ly/av-trilhos-2025

Inscrição/Cadastro

<https://bit.ly/trilhoscadastro26>



PARCEIROS



INICIATIVA

